

#182

Portugal em Flagrante Uma
visão conjunta para os refugiados
na Europa Campanha NÃO à
diabetes em 21 municípios Festa
dos Livros Concertos participativos
no Grande Auditório



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

60
ANOS

dezembro

Neste número



REFUGIADOS NA EUROPA © JANGOSY GERGELY / SHUTTERSTOCK.COM

4 Uma visão conjunta para os refugiados na Europa

Uma nova estratégia europeia para lidar com as migrações é a aposta do Vision Europe, um projeto comum de oito fundações e *think tanks* europeus que durante dois dias debateram o tema na Fundação Gulbenkian. Um evento que contou com a participação de António Guterres, Jorge Sampaio, Enrico Letta e António Vitorino, entre outras vozes que defendem um papel mais ativo da União Europeia na questão dos refugiados.

8 Campanha NÃO à diabetes! em 21 municípios

No Dia Mundial da Diabetes, a 14 de novembro, foi lançada a primeira fase da campanha NÃO à diabetes! em 21 municípios portugueses. A campanha apela diretamente às pessoas para que façam *online* a sua própria avaliação do risco relativamente a uma doença que, em 2015, afetava cerca de um milhão de indivíduos em Portugal, ainda que muitos desconheçam ser diabéticos.

15 Festa dos Livros

Em mês de Natal, a tradicional Festa dos Livros Gulbenkian está aberta diariamente, das 10h às 19h, na livraria da Sede. Oportunidade para assistir também aos lançamentos e apresentações semanais das edições da Fundação. A Festa decorre até ao dia 23 de dezembro.



CONCERTO PARTICIPATIVO © MÁRCIA LESSA

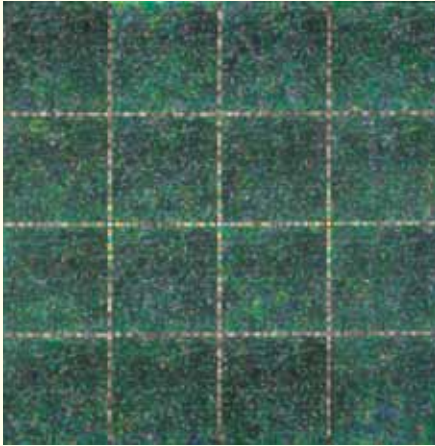
16 Concertos participativos no Grande Auditório

Nos dias 8 e 9, mais de 200 coralistas vão subir ao palco do Grande Auditório para cantar o *Messias* de Handel, na terceira edição dos Concertos Participativos. A larga maioria são amadores que estão a viver a experiência única de participar num concerto incluído na temporada da Gulbenkian Música. São estas emoções e experiências, recolhidas durante um dos ensaios preparatórios dos concertos, que publicamos nesta edição.



© MÁRCIA LESSA

Índice



FERNANDO CALHAU, SEM TÍTULO, 1973

24

Portugal em Flagrante

A pintura de Eduardo Viana, na capa deste número, é uma das muitas obras que pode ver na nova fase da exposição *Portugal em Flagrante*, inaugurada no mês passado. Além da pintura, no piso inferior do Museu Calouste Gulbenkian-Coleção Moderna, são apresentadas obras em papel, livros, fotografias, gravuras e desenhos, oferecendo uma introdução à história da arte e da cultura de Portugal do século XX.

Notícias

- 4 Uma visão conjunta para os refugiados na Europa
- 7 Fórum Portugal-Alemanha
- 8 Campanha NÃO à diabetes! arranca em 21 municípios
- 10 *Cantar mais – música para todos*
- 11 Amadeo já tem placa em Paris
- 12 Raúl Costa premiado em Hanôver
- 14 Biblioteca de Maputo com espólio de arte africana
- 15 Festa dos Livros

Música

- 16 Concertos Participativos
- 20 *Fado Barroco*
- 21 Concertos de Domingo
- 22 Thomas Hampson e *Te Deum*
- 23 Orquestra Gulbenkian em novo CD com ópera oitocentista

Arte

- 24 Portugal em Flagrante
- 25 Falar sobre as artes chãs
- 26 Visitas para desenhar e outras sugestões
- 28 Obras do Museu Gulbenkian em exposições internacionais

Leituras

- 29 Uma visita à Coleção do Fundador

Ambientes

- 30 Orquestra Gulbenkian no Brasil

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#182 – DEZEMBRO 2016 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA – THE DESIGNERS REPUBLIC – IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO – DDLX / REVISÃO DE TEXTO – RITA VEIGA / IMAGEM DA CAPA – EDUARDO VIANA, K4 QUADRADO AZUL, C. 1917, ÓLEO SOBRE TELA / IMPRESSÃO – GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM – 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

Uma visão conjunta para os refugiados na Europa

No final de dois dias de conferência, o consórcio formado por oito fundações e think tanks apresentou as suas propostas de orientações a seguir nas políticas públicas relativas às migrações e aos refugiados.

Nos dias 21 e 22 de novembro, a Fundação Calouste Gulbenkian recebeu a segunda edição do Vision Europe Summit – uma conferência que é o culminar de um ano de trabalho conjunto entre quatro fundações e quatro *think tanks* europeus: Bertelsmann Stiftung, da Alemanha; Bruegel, da Bélgica; Fundação Calouste Gulbenkian, de Portugal; CASE – Centre for Social and Economic Research, da Polónia; Chatham House, do Reino Unido; Compagnia di San Paolo, de Itália; Jacques Delors Institute, de França; e The Finnish Innovation Fund Sitra, da Finlândia.

Durante os dois dias, o debate esteve aberto ao tema escolhido para a edição 2016 – A crise dos refugiados na Europa. Dos muitos participante deste ano, o Vision Europe Summit contou com o contributo de Jorge Sampaio, António Guterres, António Vitorino, Rui Marques, Miguel Poiais Maduro, Pedro Calado e o ex-primeiro-ministro, Enrico Letta, entre muitos outros. Mais de 100 decisores políticos e delegados especialistas dos diferentes Estados-Membros, instituições europeias e organizações da sociedade civil estiveram reunidos para discutir os 4 estudos realizados especificamente para o encontro e que procuraram efetuar um diagnóstico da situação bem como apresentar recomendações de políticas para a sua resolução (disponíveis em www.vision-europe-summit.eu).

Como salientou o Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, a atual crise global de refugiados carece de uma resposta urgente e exigente da Europa, o que torna necessária uma abordagem sólida que permita definir e executar uma política eficaz, pró-ativa e justa para a gestão dos refugiados. Esta não é, no entanto, uma missão exclusiva das instituições europeias ou dos Estados mas sim de toda a sociedade, incluindo os próprios cidadãos, na medida em que todos são convocados a ser parte efetiva da solução. Segundo Artur Santos Silva, aquilo que, enquanto europeus, formos capazes de fazer neste domínio ditará, em grande medida, o nosso futuro comum.

A importância da educação

A conferência de abertura ficou a cargo do antigo Presidente da República, Jorge Sampaio, que destacou a importância do ensino superior no apoio



JORGE SAMPAIO E ARTUR SANTOS SILVA NA ABERTURA DA CONFERÊNCIA © MÁRCIA LESSA



DIRIGENTES DAS FUNDAÇÕES E THINK TANKS QUE INTEGRAM O VISION EUROPE © MÁRCIA LESSA

aos refugiados em situações de emergência, declarando que “se falharmos em dar prioridade ao ensino superior quando lidamos com crises humanitárias, seremos responsáveis pela criação de gerações sem educação, com desvantagens no seu desenvolvimento e sem preparação para dar o seu contributo à recuperação das sociedades de origem”. Jorge Sampaio prosseguiu alertando que “o ensino superior em emergências não é um luxo”, acrescentando que, sem prestar o devido apoio estaremos a “contribuir para o crescimento do desespero, da raiva e da vitimização”, para o crescimento de sociedades menos inclusivas e menos tolerantes. O também fundador da Plataforma Global de Assistência Académica de Emergência a Estudantes Sírios reforçou que “o ensino superior garante proteção, aumenta a resiliência e concede esperança para o futuro”.

Por fim, Sampaio defendeu que o ensino superior pode ter também um papel crítico na reconstrução de países destruídos pela guerra ou das comunidades afetadas por desastres. No entanto, para que o ensino superior contribua realmente para estes objetivos, o antigo Presidente da República considerou que é essencial “uma estratégia baseada em objetivos a longo prazo, que seja implementada desde o primeiro dia de ajuda humanitária”, a implementação de um verdadeiro Mecanismo de Resposta Rápida para o Ensino Superior como um ponto de partida possível para as respostas humanitárias.

António Guterres no segundo dia do Vision Europe Summit

O segundo dia do Vision Europe Summit teve início com uma conferência de António Guterres. O futuro secretário-geral das Nações Unidas realçou o lado positivo da chegada de migrantes a uma Europa que também se bate com o desafio de uma população envelhecida, declarando mesmo que “sem migrantes, as sociedades europeias não serão sustentáveis”. O ex-alto-comissário das Nações Unidas para os Refugiados defendeu que



ANTÓNIO GUTERRES, SECRETÁRIO-GERAL ELEITO DA ONU © MÁRCIA LESSA

sociedades “multiétnicas, multirreligiosas e multiculturais” são uma inevitabilidade e que o desafio é demonstrar que esta situação não é uma “ameaça” mas sim uma “oportunidade”. Para isso, o antigo primeiro-ministro considerou que “não se pode apenas deixar acontecer”, acrescentando que “não vamos ser eficazes se não formos capazes de dar algumas respostas concretas à ansiedade, ao medo e à emoção – e isto não é fácil.” Afirmou ainda que nenhum país conseguirá resolver sozinho o desafio das migrações, devendo os grupos regionais, como a Europa, “assumir coletivamente as suas responsabilidades”. António Guterres deixou ainda o aviso: “Se não investirmos na diversidade e na tolerância, seremos novamente surpreendidos por resultados eleitorais inesperados, uma vez que os nossos valores e a segurança global serão postos em causa.”

Construir uma base comum para todos

A fechar o Vision Europe Summit 2016, foi apresentada para discussão uma proposta de declaração final que será assinada pelos oito parceiros do consórcio e disseminada pelos diferentes responsáveis políticos e pelas organizações da sociedade civil a nível nacional e internacional. As diferentes instituições defendem uma nova abordagem às migrações, a vários níveis: global, europeu, nacional e local. O consórcio acredita que as crises podem ser construtivas, se criarem condições para as reformas necessárias. Defendem ainda que a União Europeia deve, urgentemente, tomar medidas eficazes, proativas e justas.

Com o título *Building Common Ground: Towards strategic migration and refugee policies in Europe*, a declaração é centrada em quatro direções estratégicas e quatro eixos de recomendações, está também disponível no *site* do Vision Europe. Ainda durante o mês de dezembro, será divulgada uma versão final da declaração, com a introdução de sugestões e propostas que tenham surgido durante os dois dias da conferência.

O Vision Europe Summit regressa em 2017, na Compagnia di San Paolo, em Turim, e terá como tema geral a *Globalização e o seu impacto na desigualdade*.

Fórum Portugal-Alemanha

Realizou-se em Berlim, no dia 10 de novembro, a 4.^a edição do Fórum Portugal-Alemanha, uma iniciativa que teve na sua origem debater a visão da Alemanha e de Portugal sobre o futuro da Europa, bem como outras questões de interesse comum, de forma a criar pontes e combater estereótipos que afetassem a melhor compreensão mútua.

Ao longo dos quatro painéis do programa, que reuniu personalidades da política, da diplomacia, da economia e do meio académico, o Fórum deste ano debateu a criação de crescimento e emprego, com especial enfoque na indústria 4.0, os desafios na segurança interna e externa europeia, as relações Europa-África e finalmente os atuais desafios que a Europa enfrenta. Na sessão sobre crescimento e emprego, o ministro português dos Negócios Estrangeiros apelou ao investimento das empresas alemãs em Portugal, salientando as vantagens “do input da Alemanha em matéria de capital, de investimento e em matéria de gestão”. A propósito da Indústria 4.0, Augusto Santos Silva defendeu a existência em Portugal de “um novo ecossistema vibrante para a inovação empresarial nas tecnologias de informação” em parte um resultado quer da natureza aberta da sociedade portuguesa quer também das competências dos portugueses a nível dos recursos digitais e do domínio de línguas estrangeiras.

Os desafios da Europa

A Europa atravessa um período difícil e um dos mais complexos da sua história, o que foi relembrado por grande parte dos intervenientes. O presidente da Fundação defendeu a urgência do relançamento de “uma nova vaga de esperança que supere as divergências” que separam os países europeus e recupere “os valores fundamentais dos Tratados fundadores”. Para Artur Santos Silva, torna-se crucial “implementar reformas e ajustamentos capazes de promover a convergência de todas as economias da União Europeia”, de forma a inverter a tendência do aumento da desigualdade na Europa. Sobre a posição de Portugal no projeto europeu, o presidente da Fundação salientou a excecionalidade do nosso país, na medida em que todos os partidos representados no Parlamento apoiam uma política generosa face aos refugiados e não existem partidos políticos antieuropeus.

O 4.^o Fórum Portugal-Alemanha foi organizado pela Fundação Gulbenkian, pelo Instituto de Política Europeia de Berlim e pelo Instituto Português para as Relações Internacionais, representado pelo seu presidente Nuno Severiano Teixeira, com o apoio dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros de ambos os países. Os participantes portugueses incluíram a atual Secretária de Estado dos Assuntos Europeus, Margarida Marques; o Embaixador de Portugal na Alemanha, João Mira Gomes; o antigo Comissário Europeu, António Vitorino; os antigos Secretários de Estado dos Assuntos Europeus, Francisco Seixas da Costa e Vítor Martins; a administradora do Banco de Portugal, Elisa Ferreira; a jornalista Eva Gaspar; o professor de política africana na Universidade de Oxford, Ricardo Soares de Oliveira e o Diretor dos Serviços da África Subsariana do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Miguel Silvestre.



ARTUR SANTOS SILVA NO FÓRUM PORTUGAL-ALEMANHA © D.R.

Campanha NÃO à diabetes! arranca em 21 municípios

“Não acredite que acontece só aos outros” é o mote para a campanha de prevenção NÃO à diabetes!, lançada em 21 municípios a 14 de novembro, data em que se assinalou mais uma vez o Dia Mundial da Diabetes. A campanha apela diretamente às pessoas para que façam online a sua própria avaliação do risco relativamente a uma doença que, em 2015, afetava cerca de um milhão de indivíduos em Portugal, sendo que muitos desconhecem ser diabéticos. Por outro lado, está provado que a diabetes tipo 2, a que mais tem aumentado, pode ser prevenida ou, pelo menos, o seu aparecimento pode ser atrasado de modo significativo.

No novo portal passam a estar disponíveis estas e outras informações relevantes sobre a diabetes: somos alertados para os principais fatores de risco relacionados com a diabetes tipo 2, por exemplo; ou são dados conselhos e sugestões para a adoção de estilos de vida saudáveis.

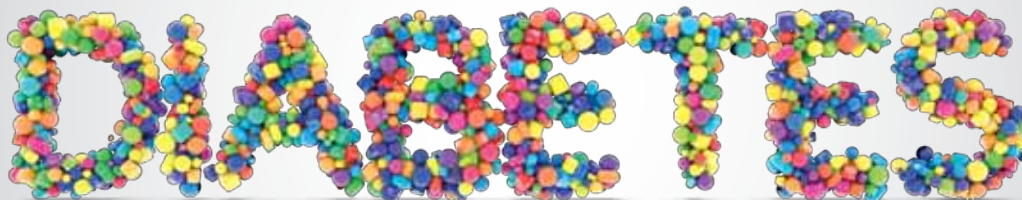
A campanha NÃO à diabetes! aposta sobretudo no preenchimento online do questionário de avaliação de risco para que possam ser encaminhados para os Centros de Saúde os indivíduos identificados como potencialmente diabéticos ou pré-diabéticos, a fim de serem realizadas consultas de diagnóstico. Os utentes com risco moderado, elevado e muito elevado, participarão no Programa GOSTO – Programa de Alterações do Estilo de Vida, para que adquiram conhecimentos básicos que lhes permitam gerir e melhorar o seu estilo de vida, no sentido de diminuir o risco e evitar o aparecimento da diabetes.

A formação de Gestores da Prevenção da Diabetes, destinada aos técnicos dos gabinetes municipais ligados à saúde e desporto e aos profissionais de saúde das unidades de saúde dos municípios, é outra das vertentes do projeto NÃO à diabetes! que arranca numa 1.^a fase em 21 municípios. Está já previsto o alargamento do projeto a várias dezenas de outros municípios que já manifestaram interesse em participar.

Um Desafio Gulbenkian

Coordenado pela Associação Protetora dos Diabéticos em Portugal e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, o projeto NÃO à diabetes! tem entre os seus parceiros a Associação Nacional de Municípios Portugueses, a Associação Nacional das Farmácias, o Ministério da Saúde – Direção-Geral da Saúde e a Administração Regional de Saúde, e resulta de um desafio assumido pela Fundação Gulbenkian no âmbito do estudo *Um Futuro para a Saúde – Todos temos um papel a desempenhar*, apresentado em 2014. O “desafio”, tal como era assumido no estudo, pretende suster o aumento contínuo da frequência de diabetes, o problema de saúde pública com mais rápido crescimento em Portugal. Estima-se que o país tenha a mais alta prevalência desta doença na Europa, e que a diabetes tenha custado ao orçamento da saúde mais de 1 200 milhões de euros em 2011, o que corresponde a aproximadamente 0,8 % do PIB. Em Portugal, todos os anos, 60 mil pessoas são diagnosticadas com a doença e irão necessitar de cuidados de saúde e de tratamento para o resto das suas vidas. É, assim, uma das questões de saúde mais urgentes que o país enfrenta.

NUNCA
“acontece só aos outros”



Avalie o seu risco e diga não à diabetes.



**NÃO à
diabetes!**
Desafio Gulbenkian

Saiba como em www.naoadiabetes.pt

Avalie o seu risco na Área do Cidadão (www.sns.gov.pt)

Ter diabetes pode ser mau. Ter e não o saber é ainda pior!

Um milhão de portugueses tem diabetes, metade está por diagnosticar. 2 milhões apresentam um risco elevado de desenvolver diabetes no futuro.

Não acredite que acontece só aos outros.

A abordagem ao problema, defendia o estudo, requer prevenção primária – por exemplo, promover uma alimentação saudável – mas também a identificação das pessoas que têm risco elevado da doença. O Desafio Gulbenkian dirige-se, assim, a pessoas portadoras de risco elevado de diabetes, evitando que 50 mil pré-diabéticos desenvolvam a doença nos próximos cinco anos. Tal como foi concebido, este desafio pode vir a poupar custos adicionais de 65 milhões de euros anuais em cinco anos, ou um valor líquido atual de 110 milhões de euros ao longo dos cinco anos do projeto. Assumindo a sua continuidade, seria possível obter poupanças adicionais de 27 milhões de euros, de forma cumulativa, nos anos subsequentes. Estes valores são estimativas conservadoras, que têm por base a redução para metade dos valores contidos no Relatório Anual do Observatório da Diabetes de 2013. Nele refere-se que a despesa de saúde de cada pessoa com diabetes é 1963 euros anuais, custo esse que tem aumentado cerca de 5% cada ano. Reconhecem-se, contudo, limites àquela poupança, pois são mais elevados os custos nos últimos anos de vida, à medida que o doente envelhece e as complicações da doença surgem.

Apesar dos estudos sólidos realizados noutros países, esta é a primeira vez que se procura a redução da taxa da doença ao nível de um país inteiro. Portugal está a ser, nessa medida, pioneiro, dando um contributo importante, a nível mundial, na criação de modelos de combate a doenças não transmissíveis, o que é uma recomendação da OMS e outras entidades. Este Desafio ajudará a demonstrar que atividades intersectoriais, que usam evidências colhidas em estudos de elevada qualidade académica e que são lideradas por uma associação de doentes, podem obter, a longo prazo, resultados importantes com valor local e global.

www.naoadiabetes.pt

Cantar mais – música para todos



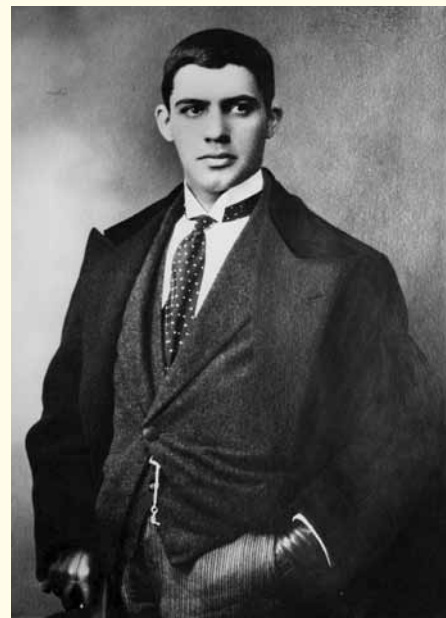
© LILIANA EIRA

A música é um poderoso instrumento para ensinar e aprender, como destacaram muitos professores e compositores ao longo dos tempos, nomeadamente Fernando Lopes-Graça que defendia o canto como uma das áreas a desenvolver nas escolas. A Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM) decidiu meter mãos à obra e criar um meio fácil de chegar a professores, educadores e agentes educativos, por meio de uma plataforma digital a que chamou cantarmais.pt.

Com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, a APEM criou e desenvolveu os conteúdos com os recursos necessários para o ensino da música, através da aprendizagem de canções e de obras de teatro musical, de diferentes estilos, temáticas, épocas e geografias. A pensar nas necessidades detetadas na educação pré-escolar e no ensino básico, esta plataforma pretende promover a língua e cultura portuguesas, o enriquecimento das crianças e jovens com experiências artístico-musicais e a disponibilização de materiais de trabalho.

Cantarmais.pt é uma base de dados de canções originais ou com arranjos e orquestrações originais, que disponibiliza o acesso a um conjunto de informações sobre as canções e integra um vasto leque de ferramentas para utilização e exploração dos que a ela acederem: vídeos tutoriais de formação em técnica vocal, exemplos práticos de aulas e de boas práticas, artigos de carácter científico e um fórum de professores.

Amadeo já tem placa em Paris



O número 20, da Rua Ernest Cresson, no bairro de Montparnasse, em Paris, tem desde o dia 19 de novembro uma placa (na foto) com o nome de Amadeo de Souza-Cardoso. Nela se pode ler "Aqui viveu e trabalhou o pintor português Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) um dos precursores da Arte Moderna". Apesar de ter tido várias residências na cidade, este lugar foi escolhido pelo artista para viver e trabalhar entre o final de 1912 e o início de 1914, uma época determinante para a sua obra.

A iniciativa partiu da câmara de Paris, presidida por Anne Hidalgo, e do autarca Hermano Sanches Ruivo na sequência da grande exposição do artista no Grand Palais, entre abril e julho deste ano. A exposição organizada pela Fundação Gulbenkian e pelo Grand Palais revelou a obra de Amadeo que até aqui tinha sido apresentada regularmente em exposições nacionais, sem a projeção internacional merecida.

Os anos que Amadeo viveu em Paris, nomeadamente na Rue Ernest Cresson, foram fundamentais para a sua obra. Em 1913, Amadeo participou no Armory Show, nos Estados Unidos, e no 1.º Salão de Outono em Berlim. Na fotobiografia de Amadeo, com coordenação científica de Helena de Freitas, pode ler-se: "No final de 1913 ou no início de 1914, Amadeo expôs o álbum XX Dessins, e provavelmente os desenhos originais concebidos para a sua edição, na Escola de Artes e Ofícios de Hamburgo. Esta terá sido porventura a primeira exposição individual, curiosamente realizada fora do seu país de origem e do seu país de acolhimento (França)."

Raúl Costa premiado em Hanôver

“Uma vida na música clássica é um longo caminho”

Raúl Peixoto da Costa tem 23 anos e é bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian em Hanôver, onde frequenta o mestrado de Piano. O seu talento levou-o a conquistar dois prémios no último mês, um atribuído ao jovem pianista com mais destaque em termos de carreira e atividade na Alemanha e o outro atribuído pela sua escola, a Hochschule für Musik, Theater und Medien, que o distinguiu como melhor aluno do seu ano. Nesta curta entrevista, feita por escrito, Raúl da Costa fala dos seus projetos e da importância da música na sua vida.

O que significam estes prémios para a sua carreira?

Foi um ano feliz em relação a prémios internacionais e sinto-me muito agradecido por isso. Os prémios abrem portas, quer para recitais quer para concertos com boas orquestras, no centro da Europa. No entanto, sei também que estes prémios não são tudo e que escolher uma vida na área de música clássica é um longo caminho, muito mais extenso do que qualquer prémio. A busca pela verdadeira essência da música, pelas intenções mais profundas do compositor, é o nosso maior objetivo. E este trabalho durará uma vida inteira, sendo esse o prémio que verdadeiramente me interessa. Digamos que é mais comparável a uma maratona, e não a uma corrida de 100 metros.

Como foi o seu percurso até agora?

Tive a sorte de começar a estudar piano com muito bons professores, como Luís Amaro e Maria Emília Coelho, na Escola de Música da Póvoa de Var-

zim. Posteriormente, estudei com Álvaro Teixeira Lopes na Academia de Música de Vila do Conde, uma mudança que teve um enorme impacto em mim. Aí fortaleci bases muito importantes para uma carreira como pianista e que ainda hoje me são imensamente úteis. Nesses anos, houve uma maior abertura para o exterior, com vários concursos internacionais, concertos em salas como Casa da Música, CCB, Teatro São Luiz e, além disso, várias *masterclasses* dentro e fora de Portugal. Em 2010, em Salzburgo, conheci o prof. Karl-Heinz Kämmerling e com ele comecei a minha aventura em Hanôver, até à sua morte em 2012. Desde então, estudo com o prof. Bernd Goetzke, com quem me identifico muitíssimo, e estou muito feliz por poder trabalhar regularmente com ele.

A sua relação com a música começou logo com o piano ou tocou outros instrumentos?

É difícil explicar. Sei que a minha mãe, enquanto estava grávida, todos os dias tocava piano



para mim, portanto é bem possível que a relação com a música tenha começado aí! Mais do que a música, aquilo que me fascinou enquanto criança foi o som. Era normal ficar horas à volta do piano, das guitarras do meu pai, de uma bateria improvisada, ou escutando o meu pai a declamar poesia, sempre acompanhado por excelentes músicos. Creio que isso me marcou muito. Aos sete anos, comecei a estudar oficialmente piano na Escola de Música da Póvoa de Varzim, e os anos foram passando. Claro que aprendi um segundo instrumento como qualquer outro aluno, e ainda toquei clarinete sete anos. Mas isso é outra história...

Como tem sido a experiência fora de Portugal?

Muito especial. Sei que me tornei uma pessoa diferente nos últimos cinco anos. Cá, sempre me viram muito sozinho e sei que formei o meu carácter em vários momentos mais difíceis. Nunca tive muitas saudades de Portugal, tirando o mar e as pessoas que me são mais próximas. Sei que vim para cá para trabalhar e para olhar em frente, para o meu futuro. Em termos de música de câmara, foi talvez a maior

mudança na minha vida porque tenho a oportunidade de tocar com excelentes músicos muito facilmente, e aprendi imenso, algo que não aconteceu nos meus anos em Portugal.

O que pensa fazer quando terminar esta bolsa?

Trabalhar, trabalhar, trabalhar... Irei manter Hanôver como base e vou começar a minha pós-graduação, *Konzertexamen*. A relação com o meu professor é excelente e estou muito feliz pela oportunidade de aqui estar. Provavelmente mais concertos e concursos internacionais virão... Irei continuar a trabalhar com a mesma seriedade dos últimos anos, e estou curioso quanto ao futuro.

Biblioteca de Maputo com espólio de arte africana

A biblioteca do Centro Cultural Português de Maputo reabriu ao público com uma nova coleção de livros de arte, de forte componente africana, apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian. O novo acervo bibliográfico vai permitir a artistas e criadores um maior contacto com a investigação e a produção artística contemporânea do continente africano.

No dia da reabertura, que contou com a presença do administrador da Fundação Gulbenkian Guilherme d'Oliveira Martins, foi inaugurada a instalação *Lugar e Leitura – Uma abordagem silenciosa* (na foto) do artista moçambicano Jorge Dias.

A biblioteca, enquanto espaço de cultura da capital moçambicana, serve uma média anual de 25 mil leitores, maioritariamente estudantes do ensino médio e superior em Maputo e tem cerca de 17 mil títulos de todas as áreas do conhecimento.

Nesta requalificação foram criadas condições para o acesso digital aos registos das obras, através de um catálogo *online* que vai permitir trabalhar em rede com a biblioteca do Centro Cultural Português, polo da Beira, através do site www.camoes-ccpmocambique.co.mz.



BIBLIOTECA © NAÍTA USSENE



INSTALAÇÃO DE JORGE DIAS © NAÍTA USSENE

Festa dos Livros



Uma ampla seleção de publicações da Fundação Gulbenkian sobre vários temas, incluindo textos clássicos, coleções de cultura portuguesa e catálogos de exposições, está à venda na Festa dos Livros, até 23 de dezembro, a preços convidativos.

A par das edições, pode encontrar muitas peças inspiradas nas coleções do Museu Gulbenkian que podem constituir excelentes sugestões para presentes de Natal. Entre as novidades destaca-se uma série de novos objetos com padrões baseados em algumas preciosidades de arte islâmica adquiridas por Calouste Gulbenkian para a sua coleção, como os azulejos e as loiças Iznik. Novidade é também uma linha inspirada no Jardim Gulbenkian com vários produtos que ampliam a oferta de objetos já existentes nas lojas do Museu como jarras, taças, chávenas, velas, lenços, leques, colares, entre muitos outros.

Tal como nas edições anteriores, há um livro do dia vendido a um preço ainda mais especial e que será divulgado em gulbenkian.pt. Paralelamente há um programa de apresentação dos livros mais recentes, pelos autores ou pelos responsáveis pela organização das edições, sempre às 18h30, no bar do *foyer* da Sede.



© MÁRCIA LESSA

Manual para Transformar o Mundo
por Filipe Santos e Luisa Valle
(6/12)

Obras Completas III – Tempo e Poesia
de Eduardo Lourenço. Por Carlos Mendes de Sousa, Guilherme d’Oliveira Martins e o autor (13/12)

As Aves dos Jardins Gulbenkian
por João Rabaça e Paula Côrte-Real
(19/12)

Edições Amadeo 2016 (XX Dessins, Fotobiografia, Raisonné de Pintura, Uma Viagem Extraordinária, A Lenda de S. Julião) por Helena de Freitas e Catarina Alfaro (20/12)

FESTA DOS LIVROS

Livraria da Sede

Todos os dias 10h-19h
Até 23 de dezembro

Concertos participativos

Mais de 200 coralistas vão subir ao palco do Grande Auditório, nos dias 8 e 9 de dezembro, para cantar o Messias de Handel em mais uma edição dos Concertos Participativos. A larga maioria são amadores que estão a viver uma experiência inolvidável de participar num concerto incluído na temporada Gulbenkian Música. Fomos espreitar um ensaio e falar com alguns dos protagonistas desta iniciativa que vai já na terceira edição.

Num sábado cinzento de novembro, ao início da tarde, dezenas de pessoas de várias idades começam a chegar à Fundação Gulbenkian. Entram sozinhas, aos pares ou em pequenos grupos, pela entrada principal ou pelo Jardim das Rosas, trazendo debaixo do braço uma partitura musical. Identificam-se à entrada, descem dois pisos e dirigem-se ao bar dos artistas, junto à sala de ensaios da Orquestra Gulbenkian. Aí procuram o seu nome nas listas divididas por naipes vocais colocadas sobre uma mesa. Confirmada a presença, sopranos e contraltos entram numa sala e barítonos e tenores noutra.

Era o dia do quinto ensaio do Concerto Participativo, dirigido apenas aos coralistas convidados. Agrupados por tipos de vozes, o maestro João Branco trabalha com os sopranos e os contraltos e Fátima Nunes, membro do Coro Gulbenkian, ensaia os barítonos e tenores.

Este ano, o número de candidatas a participar neste concerto ultrapassou as seis centenas. Após prestação de provas foram admitidos 220 coralistas. Desde o início dos ensaios, em setembro, esse número reduziu-se um pouco (há sempre algumas desistências) fixando-se atualmente nos 180 elementos: 100 mulheres e 80 homens.

Ao longo de quase duas horas, depois do período de aquecimento, os coralistas trabalham várias páginas da partitura. Maestro e maestrina, incansáveis, explicam como abordar as partes mais exigentes, fazendo o grupo repetir as vezes necessárias até se aproximar da excelência que se procura atingir. Mais tarde, depois de um breve intervalo, irão juntar-se todos na mesma sala para um ensaio agora dirigido por Paulo Lourenço, maestro assistente do Coro Gulbenkian. Os 180 coralistas só se juntarão ao Coro e Orquestra Gulbenkian nos ensaios finais depois de longas horas de trabalho com Paulo Lourenço e os restantes maestros assistentes.

MAESTRO PAULO LOURENÇO © MÁRCIA LESSA





ENSAIO DO CORO © MÁRCIA LESSA

Uma aventura humana

O entusiasmo com que Paulo Lourenço abraça este projeto salta aos olhos de todos no modo como conduz o ensaio, gesticulando, saltando, procurando transmitir a “alma” desta obra monumental e as ferramentas técnicas para a abordar. “Mantem a energia”, diz, em voz bem alta, “o mais importante é manter a bomba a funcionar”. O ambiente é descontraído e bem-disposto e frequentemente os comentários do maestro provocam gargalhadas entre os coralistas. “Sem braços”, grita o maestro, “não quero gestos, quero só a respiração mais sustentada”.

Interrompe constantemente a prestação dos cantores com observações cirúrgicas: “Aproveitar as notas mais longas para descansar é que é o problema, isso bloqueia a respiração.” Ou então comentários dirigidos aos naipes: “Tenores, preciso da vossa entrada, quase não percebi, o que se passou, não estavam confiantes?” Ou, mais à frente: “Baixos, cantem lá isso como uns passarinhos.” Comentário que desencadeia mais gargalhadas. As repetições sucedem-se até arrancar elogios do maestro: “Olha que bem, não foi?” ou “Bravo, cada vez melhor!”

Numa pausa do ensaio, perguntámos ao maestro como é isso de preparar um coro, totalmente amador, com critérios de exigência e rigor profissional que a programação da Gulbenkian Música exige. “É uma grande alegria, mas também um grande desafio”, responde. “Estes ensaios são mais do que uma aventura musical, são uma autêntica aventura humana.” Isto porque, sustenta, a música de Handel, é, acima de tudo, “uma música de verdadeira expressão humana”, por isso, estar associado a este projeto é “um prazer sempre renovado”.



ENSAIO DO CORO © MÁRCIA LESSA

Paulo Lourenço sublinha não só a dimensão artística destes concertos, mas também o que representam a nível educacional, porque crê que muitos destes cantores amadores vão despertar para a música coral a partir desta experiência. “Os filhos deles serão também inoculados com o vírus da música coral, garantindo que o nosso público vai estar cada vez mais informado, porque muitos serão o público do futuro.”

Um sonho de longa data

Teresa Coelho tem 79 anos, é jurista reformada e participou em todas as edições dos Concertos Participativos. “Foi a concretização de um sonho de longa data”, reconhece. Conta-nos que aproveitou a reforma para se dedicar a duas paixões: o Grego Clássico e o estudo de Música. Quando começou a cantar em coros amadores, nunca mais parou. Atualmente, integra três coros amadores e já tinha cantado o *Messias* de Handel com o Coral Sinfónico de Portugal, um grupo com sede em Torres Novas, a que também pertence. Teresa Coelho explica que a experiência coral fê-la perceber a enorme diferença entre ouvir uma peça e fazer parte da sua execução: “É outra dimensão.” Quanto a cantar neste projeto, considera uma experiência “ímpar”, porque “um coro amador não tem o nível de exigência e de perfeição que aqui se atinge”.

Outro participante que afirma estar a viver uma experiência extraordinária é Paulo Pacheco dos Santos, um médico neurologista de 47 anos. Quase em tom de confidência, revela-nos um segredo até então muito bem guardado: é irmão de um músico da Orquestra Gulbenkian. Não seguiu a carreira do irmão porque a ciência falou mais alto, mas tem alguma formação musical e tem cantado ocasionalmente em alguns grupos corais. “Aqui sentimo-nos quase profissionais, não o sendo”, refere, destacando por exemplo, a



PAULO PACHECO DOS SANTOS, AO CENTRO © MÁRCIA LESSA



LEONOR GIL © MÁRCIA LESSA



TERESA COELHO © MÁRCIA LESSA

“descoberta da respiração e da colocação da voz”, técnicas que considera “aplicarem-se a todos os cenários”. Pacheco dos Santos cantou a *Carmina Burana* no primeiro Concerto Participativo, destacando a enorme diferença entre as obras “uma usando uma linguagem mais bruta, mais primitiva, e a outra uma linguagem mais clássica e mais trabalhada.”

Leonor Gil tem 26 anos e vem de Coimbra para participar nos ensaios. Esta jovem psicóloga considera que estes concertos são uma ótima oportunidade para cantar numa sala “grande, bonita e com uma acústica espetacular”. Estudou música em criança e teve aulas de violino no Conservatório de Coimbra. O gosto especial pelo canto levou-a a ter aulas privadas e a integrar pequenos coros. Mais recentemente tornou-se membro do Coro Sinfónico Inês de Castro, em Coimbra, e foi precisamente aí que ouviu falar nestes concertos. Participou no ano passado e voltou a inscrever-se este ano. Considera ser “uma honra” cantar com o Coro Gulbenkian e com tantas pessoas que, como ela, “partilham este gosto e quiseram crescer ao nível do canto”.

Coro e Orquestra Gulbenkian em Barcelona

Os Concertos Participativos inspiram-se numa iniciativa promovida pela Fundación La Caixa, de Espanha, que há mais de 20 anos realiza estes concertos em Barcelona, sempre com o *Messias* de Handel. Na Gulbenkian Música, a primeira edição deu a ouvir a *Carmina Burana* de Carl Off, mas a segunda já abordou esta obra-prima da música sacra barroca, tal como a terceira, a realizar este mês.

O concerto, interpretado pela Orquestra e Coro Gulbenkian juntamente com o coro convidado, será dirigido pelo maestro Victor Pablo Pérez, com a participação de Elisabeth Watts, Marta Infante, Emiliano Gonzalez Toro e José Antonio López e terá lugar nos dias **8 e 9** de dezembro no Grande Auditório da Fundação. Este mesmo concerto será tocado pelo Coro e Orquestra Gulbenkian no Palau de La Musica Catalana em Barcelona nos dias **12 e 13** de dezembro. Mantém-se o elenco de intérpretes mas, desta vez, subirá ao palco o Coro Participativo de Espanha.

Fado Barroco



RICARDO RIBEIRO © RITA CAEMO

Quem disse que música barroca e o fado pertencem a mundos separados e não podem conviver numa sala de concerto? O espetáculo *Fado Barroco*, que a Gulbenkian Música vai apresentar este mês (14/12), vem confirmar essa possibilidade juntando no mesmo palco o fadista Ricardo Ribeiro e a soprano Ana Quintans, num concerto com os Músicos do Tejo dirigidos por Marcos Magalhães, e com a participação de Miguel Amaral, na guitarra portuguesa, e Marco Oliveira, na viola.

Este concerto singular, idealizado por Marcos Magalhães, dará a ouvir música medieval, arábica e galega, peças de barroco, sobretudo português, e ainda música para guitarra portuguesa, fado e *lundum* (música brasileira de origem africana).

Neste curioso diálogo de estilos e épocas, serão tocadas peças de compositores setecentistas portugueses como Francisco António de Almeida, António da Silva Leite, mas também de Alain Oulman, Carlos Paredes, Rão Kyao ou os Madredeus.

Este concerto foi estreado em Helsínquia para festejar a chegada do Ano Novo de 2016, sendo agora apresentado na Gulbenkian Música, na despedida do mesmo ano.

Concertos de Domingo

Viagem em Itália e Natais do Mundo



© MÁRCIA LESSA

Este mês a Gulbenkian Música oferece dois **Concertos de Domingo**, uma iniciativa especialmente pensada para as famílias, a preços reduzidos, com sessões duplas às 11h e às 16h.

O primeiro concerto (**4/12**) intitula-se *Viagem em Itália* e propõe um programa variado tocado pela Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro Jean-Marc Burfin com a colaboração do violoncelista Marco Pereira. Vão tocar a Sinfonia n.º32 de Mozart, as *Variações Rocóco* de Tchaikovsky e a Sinfonia n.º4, *Italiana*, de Mendelssohn, uma obra inspirada nas cores e na atmosfera de Itália, onde o compositor viveu entre 1829 e 1831.

O Concerto de Domingo seguinte (**18/12**) propõe uma viagem pelos *Natais do Mundo*, indo desde as mais conhecidas canções tradicionais da Europa até às da América Central e do Sul, passando pela tradição judaica. Jorge Matta dirige o Coro e Orquestra Gulbenkian nesta celebração multicultural do Natal. No **dia 17**, às 16h, haverá um concerto extra com o mesmo programa, dada a grande procura de bilhetes por parte do público.

Thomas Hampson e *Te Deum*

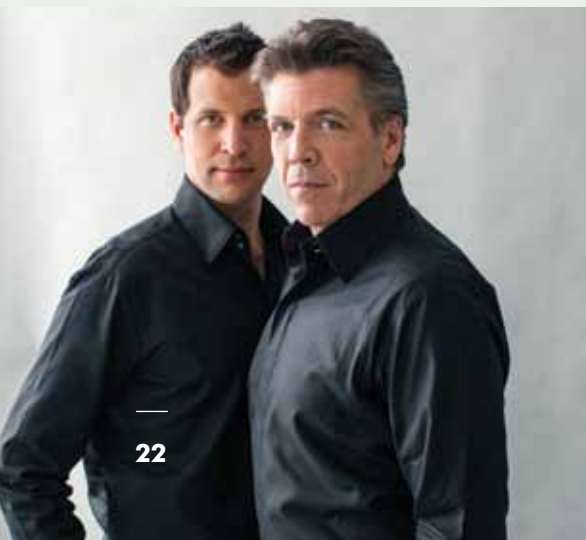


IGREJA DE SÃO ROQUE © MÁRCIA LESSA

O barítono **Thomas Hampson** está de regresso ao palco do Grande Auditório depois de, no final de setembro, ter encantado com a interpretação do ciclo de canções de Gustav Mahler *A Trompa Maravilhosa do Rapaz*. Desta vez, vem acompanhado de Luca Pisaroni para apresentar um recital com árias de ópera, opereta e teatro musical. Com o sugestivo título *No Tenors Allowed* (21/12), os dois cantores, acompanhados pelo pianista Christian Koch, vão interpretar alguns dos mais famosos duetos para barítono e baixo de compositores como Verdi, Rossini, Bellini e Leoncavallo. Assumindo vários registos, do cómico ao dramático, a dupla Hampson e Pisaroni cantará ainda árias de Lehár, Kálmán e de Bernstein, entre outros.

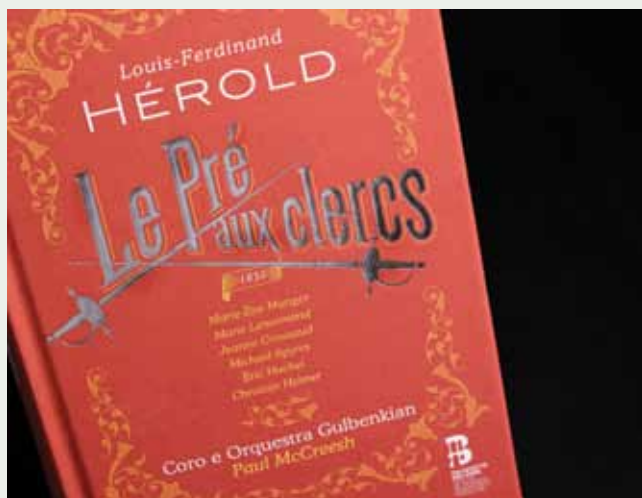
No último dia do ano (31/12), como manda a tradição, volta a soar o *Te Deum* na Igreja de São Roque. O Coro e a Orquestra Gulbenkian, dirigidos por Jorge Matta, apresentam duas obras separadas por cerca de 300 anos: o *Te Deum* seiscentista de Marc-Antoine Charpentier e o *Te Deum* do compositor estónio Arvo Pärt, composto nos anos 80 do século xx. Participam os cantores Eduarda Melo, Carolina Figueiredo, Marco Alves dos Santos e Tiago Matos.

O próximo ano traz uma programação intensa da Gulbenkian Música que começa em tom épico com a exibição do segundo filme da trilogia *O Senhor dos Anéis (As Duas Torres)*, com música ao vivo tocada e cantada pela Orquestra e Coro Gulbenkian e o Coro Infante-Juvenil da Universidade de Lisboa. Os três espetáculos previstos encontram-se esgotados. Gulbenkian.pt/musica



THOMAS HAMPSON E LUCA PISARONI © DARIA ACOSTA

Orquestra Gulbenkian em novo CD com ópera oitocentista



Le Pré aux Clercs, uma ópera cômica em três atos do compositor francês Ferdinand Hérold, gravada ao vivo em abril de 2015 no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, foi lançada em CD numa edição de luxo, em formato de livro, com textos de enquadramento e partitura incluída (em francês e inglês).

A estreia moderna desta peça, tocada pela Orquestra Gulbenkian dirigida por Paul McCreesh, deu-se na Ópera Comique de Paris, em março de 2015, tendo sido apresentada, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, com os mesmos intérpretes, nos dias 7 e 8 de abril, numa versão semiencenada por Éric Ruf, diretor da Comédie Française, autor da versão cénica apresentada em Paris. Participaram nesta produção os cantores Marie-Ève Munger, Marie Lenormand, Jeanne Crousaud, Michael Spyres, Éric Huchet, Christian Helmer, Emiliano González Toro, Leandro César, Manuel Rebelo, Tiago Batista e Nuno Fonseca.



Baseada no livro *Chronique du Temps de Charles IX*, de Mérimée, *Le Pré aux Clercs* foi uma das óperas mais amadas no século XIX, recebendo largos elogios da crítica que destacou a expressividade, a elegância e a variedade da partitura.

Estreada em 1833, contou com mais de 1600 representações na Ópera Comique de Paris até meados do século XX. A sua popularidade contagiou outros palcos europeus onde foi também muito representada e aclamada. Entretanto, pouco a pouco, foi caindo no esquecimento, até se tornar praticamente invisível.

A edição em CD desta obra pelo Palazzetto Bru Zane, uma instituição cultural instalada em Veneza que se dedica à divulgação da música francesa do período romântico, permite o reencontro com uma obra fundamental da história da ópera europeia. O CD está à venda na Fundação Gulbenkian.

Portugal em Flagrante

Operação 1 e 2



ANTÓNIO PALOLO, *HÓRRIDO SILÊNCIO DO TEU CORPO*, 1966 © MÁRIO DE OLIVEIRA

PORTUGAL EM FLAGRANTE OPERAÇÃO 1 E 2

Curadoria: Penelope Curtis, Ana Barata,
Ana Vasconcelos, Leonor Nazaré
e Patrícia Rosas Prior

Museu Calouste Gulbenkian - Coleção Moderna

As duas primeiras partes da nova apresentação do acervo da Coleção Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian abriram já ao público, propondo várias linhas de leitura para um melhor entendimento da coleção.

No piso inferior, reúnem-se obras em papel, livros, fotografias, gravuras e desenhos, oferecendo uma introdução à história da arte e da cultura de Portugal do século XX.

No piso superior, mostram-se obras fundamentais de artistas como Amadeo de Souza-Cardoso, Almada Negreiros, Mário Eloy, Eduardo Viana, Mário Cesariny, Vieira da Silva, Paula Rego, Lourdes de Castro, António Areal, António Dacosta, Álvaro Lapa, Julião Sarmento, Gil Heitor Cortesão, João Louro e Isabel Simões, entre muitos outros. Esta apresentação é cronológica, e destaca alguns dos momentos marcantes da história da arte portuguesa, entre 1930 e o início do século XXI.

Em março de 2017, uma terceira parte completará esta apresentação da Coleção Moderna com um significativo conjunto de trabalhos em escultura, entre outros suportes tridimensionais.

Falar sobre as artes chãs



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

Arquitetos e historiadores de arte como Joana Cunha Leal, João Vieira Caldas, Jorge Figueira e Sérgio Fazenda Rodrigues participam numa mesa-redonda sobre as artes chãs no dia **14 de dezembro, às 18h**, no Auditório 3 da Fundação Gulbenkian.

Esta sessão realiza-se no âmbito da exposição *A Forma Chã*, patente na Fundação Gulbenkian até ao dia 9 de janeiro de 2017. A mostra, em suporte audiovisual, dá testemunho de vários exemplos da arquitetura chã em Portugal, recorrendo ao arquivo fotográfico dos historiadores de arte George Kubler, Ad Reinhardt e Paulo Varela Gomes, mas também do arquiteto João Vieira Caldas. Inclui ainda uma palestra do artista norte-americano Robert Smithson, dirigida a estudantes de Arquitetura, gravada na Universidade do Utah, EUA, e cedida pelo Museu Guggenheim de Nova Iorque.

A sessão é moderada pela curadora Eliana Sousa Santos e tem entrada livre.

Visitas para desenhar e outras sugestões



ANTÓNIO OLE, TOWNSHIPWALL N10

Se ainda não visitou a exposição *António Ole. Luanda, Los Angeles, Lisboa* (patente até 9 de janeiro, Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian) ou se gostaria de a visitar com outros olhos, este mês pode juntar-se à visita *O musseque da cor*. Ao longo de 90 minutos, o (também) artista plástico Miguel Horta delineou um percurso pela exposição retrospectiva de António Ole, onde se sente um diálogo permanente com a cidade, sobretudo Luanda, com a sua arquitetura e os seus habitantes. A obra de Ole é variada nos seus meios de expressão, da escultura à instalação, da pintura e colagem ao desenho, da fotografia ao filme, ligando a sua Luanda natal ao resto do planeta. Esta é uma visita especial, para desenhar, que propõe exercícios aos que têm prática de desenho, mas também aos que não a têm, “aos que carregam os seus cadernos gráficos para todo o lado e aos que nunca tiveram nenhum, mas gostavam de experimentar”. A partir da ideia de “musseque”, termo angolano que se refere a um bairro de construções precárias nos arredores das grandes cidades, os participantes nesta visita vão moldar a cor, colá-la, desenhá-la e construir pequenas obras em suporte papel.

Por outro lado, o Museu Calouste Gulbenkian preparou para este mês uma visita com sete pontos obrigatórios de paragem, “sete obras imperdíveis” da Coleção do Fundador que representam diferentes suportes artísticos nesta coleção: da escultura à pintura, do mobiliário à ourivesaria. Filipa Santos, que irá orientar esta visita de 60 minutos, explica como conseguiu selecionar apenas sete obras numa coleção que abrange cerca de cinco mil anos de história: “Todas têm o seu



LINHAS DO TEMPO, ASPETO DA EXPOSIÇÃO © MÁRCIA LESSA

encanto, segredos por revelar, origens curiosas, pequenas histórias aliciantes. Ainda assim, aceitámos o desafio de escolher sete obras que nos parecem verdadeiramente imperdíveis, a partir do gosto pessoal do colecionador, dos grandes artistas da arte europeia, das diferentes origens ou das viagens de objetos que nos levam para paragens distantes.” Um percurso, uma leitura, uma escolha possível, que passará inevitavelmente pela sala de arte egípcia e pela sala Lalique. E mais não revelamos para não estragar a surpresa.

Finalmente, este mês também sugerimos que faça uma pausa à hora de almoço para acompanhar uma visita de 30 minutos à exposição *Linhas do Tempo. As Coleções Gulbenkian. Caminhos Contemporâneos*, patente até 2 de janeiro no Edifício-Sede. Nesta visita serão focadas duas obras, uma da Coleção do Fundador e outra da Coleção Moderna, respetivamente, um Tapete manufaturado na Índia no século XVII, que Calouste Gulbenkian adquiriu para a sua coleção particular em 1924, e a “Espreguiçadeira modelo n.º 39”, concebida pelo arquiteto e designer finlandês Alvar Aalto em 1936 e adquirida pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1983. O “diálogo” que se pode estabelecer entre estas duas obras será conduzido por Diana Pereira.

O musseque da cor

11 dezembro, domingo, 11h
90 min, +16 anos, 6€

Museu Calouste Gulbenkian
– Coleção Moderna
Orientação: Miguel Horta

Diálogo entre... Espreguiçadeira modelo nº 39 e Tapete, Índia

14 dezembro, quarta, 13h30
30 min, +16 anos, entrada gratuita

Edifício-Sede
Orientação: Diana Pereira

Sete obras imperdíveis

18 dezembro, domingo, 11h
60 min, +16 anos, 6€

Museu Calouste Gulbenkian
– Coleção do Fundador
Orientação: Filipa Santos

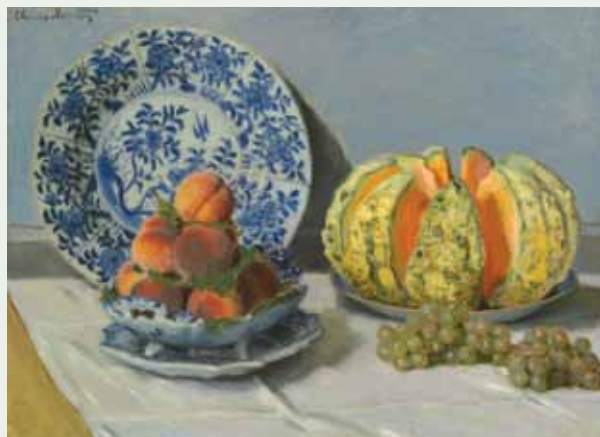
Obras do Museu Gulbenkian em exposições internacionais

Várias obras do Museu Calouste Gulbenkian foram emprestadas para integrar exposições em cidades como Madrid, Paris, Grenoble, Fort Worth ou São Francisco.

Para além do *Retrato de Madame Claude Monet*, de Pierre-Auguste Renoir, cabeça de cartaz da exposição *Renoir. Intimidad*, patente no Museu Thyssen, em Madrid, até 22 de janeiro de 2017, foi também cedida uma natureza-morta de Monet, para a exposição *Monet. The Early Years* apresentada em Fort Worth, no Texas. Este quadro junta-se a outras obras representativas da primeira fase da carreira do artista, entre 1858 e 1872, e pode ser visto neste museu até ao dia 29 de janeiro de 2017, seguindo depois para a Legion of Honor, Fine Arts Museum, em São Francisco, entre 25 de fevereiro e 29 de maio de 2017.

Destaca-se ainda o empréstimo de duas obras de Fantin-Latour, *A Leitura* e *Natureza-Morta (La Table Garnie)* para figurar numa retrospectiva dedicada ao artista apresentada no Musée du Luxembourg, em Paris, até dia 12 de fevereiro de 2017. Intitulada *Fantin-Latour. À fleur de peau*, a exposição será apresentada posteriormente no Musée de Grenoble, entre 18 de março e 18 de junho de 2017.

Uma palavra também para o empréstimo de uma obra da



CLAUDE MONET, NATUREZA MORTA, C. 1872, ÓLEO S/ TELA



HENRI FANTIN-LATOURE, A LEITURA, FRANÇA, 1870.

Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian, *The Old City*, 1966, para integrar uma retrospectiva dedicada ao pintor iraquiano Dhia Al-Azzawi, apresentada no Mathat, Arab Museum of Modern Art, no Qatar, até ao dia 16 de abril de 2017.

Por cá, destaca-se o elevado número de obras de Amadeo de Souza-Cardoso que pertencem à Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian e que foram emprestadas ao Museu Soares do Reis para a exposição *Amadeo de Souza-Cardoso. Porto-Lisboa 1916-2016*.

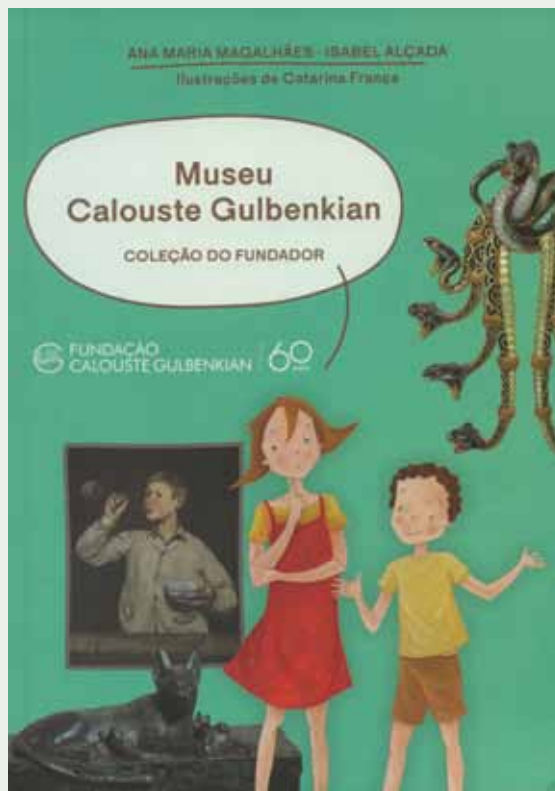
Uma visita à Coleção do Fundador

Haverá algum tapete voador na coleção de arte que Calouste Gulbenkian reuniu ao longo da sua vida? E o que dizer de Apolo (esculpido por Jean-Antoine Houdon), que, em vez de “crescer devagar”, se tornou adulto no momento em que provou a ambrosia, uma planta aromática que dá nome ao “manjar dos deuses”?

Questões como estas percorrem o guia ilustrado da Coleção do Fundador no Museu Calouste Gulbenkian, elaborado por Ana Maria Magalhães e Isabel Alcada, a conhecida dupla de literatura juvenil. Conhecer os “segredos” da coleção que Calouste Sarkis Gulbenkian (1869-1955) reuniu em vida funciona, assim, como estímulo à curiosidade dos mais novos, levando-os numa viagem que acompanha dezenas de peças, espalhadas pelos vários núcleos da exposição permanente: desde o tempo dos faraós (Arte Egípcia) ao tempo dos castelos (Arte da Europa), contando um pouco da história das civilizações, dos modos de vida em cada época e dos movimentos artísticos mais relevantes, recorrendo muitas vezes a diálogos entre duas crianças para apresentar esta informação.

A visita começa no átrio do Museu, mas não obriga os pequenos leitores a fazer um percurso cronológico. Num capítulo de introdução são dadas referências, sobre cada um dos espaços do Museu, que permitem perceber que tipo de peças se vai encontrar. Quem optar por explorar primeiro a Arte Egípcia, não tardará a decifrar alguns símbolos e a ler sobre quem preparava as múmias e como. Mais à frente, a partir de um vaso grego, conta-se a história do rapto das Leucípides protagonizado pelos irmãos Pólux e Castor e que terá dado origem à constelação Gémeos.

O livro também explica, por exemplo, que Calouste Gulbenkian aprendeu a apreciar tapetes desde criança, e sabia muito sobre o assunto, porque o seu pai tinha um negócio de tapetes orientais de grande qualidade. Ou a razão pela qual se chama “português” a um tapete persa do século XVII. As moedas e a paixão que o levaram a adquirir mais de um milhão é outro dos temas incontornáveis quando se



fala desta coleção. “Só lhe interessavam as que fossem raras, lindas e perfeitas”, sublinham as autoras do guia. Fala-se igualmente de medalhas, destacando uma que retrata o professor Vittorino Rambaldoni, revolucionário na maneira de educar do seu tempo: “Em vez dos castigos habituais, procurava compreender os alunos e ajudá-los a aprender, quer fossem ricos ou pobres.”

As duas personagens que protagonizam a visita neste guia, bem como os mapas que assinalam a proveniência dos objetos e as reconstituições dos contextos originais das peças do Museu, são da autoria de Catarina França, que este ano ilustrou também a 3.ª edição do livro infantojuvenil “Miguel Sarapintas e o pinto de 3 patas”, que fala de *bullying*.

Ambientes

Orquestra Gulbenkian no Brasil



Ao ar livre ou nas icónicas salas São Paulo e Theatro Municipal, a Orquestra Gulbenkian teve uma calorosa recepção no Brasil, onde não tocava há mais de duas décadas. O primeiro concerto, a 6 de novembro, realizou-se no palco exterior do Auditório Ibirapuera, um edifício concebido por Oscar Niemeyer, situado no mais importante parque urbano da cidade de São Paulo. Dirigida pelo maestro Lawrence Foster e tendo como solista o violoncelista brasileiro Antonio Meneses, a Orquestra Gulbenkian apresentou-se ainda na Sala São Paulo (na foto), em dois concertos aplaudidos de pé pelo público que encheu a sala mais emblemática da cidade. O último concerto aconteceu no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, no dia 9 de novembro.

Foto de Éric Brochu/ Sociedade Cultura Artística



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Av. de Berna, 45A
1067-001 Lisboa
gulbenkian.pt